

MUSEU VIRTUAL DE RADIOLOGIA
Dr. Sidney de Souza Almeida

www.imaginologia.com.br

Copyright © www.imaginologia.com.br

ITAZIL, por ele mesmo (mini-autobiografia)

Sidney de Souza Almeida

No ano de 1995, sob o patrocínio da Sociedade Paulista de Radiologia, andei peregrinando pelo Nordeste, à procura de fatos históricos, com a finalidade de fazer um levantamento de dados para publicação destas "Gotas Esparsas".

Tal qual Juruna, muni-me de um gravador e, sempre que possível, entrevistava, com ele, várias personalidades daqueles Estados, sorvendo o muito que sabiam pelo pioneirismo que exerceram.

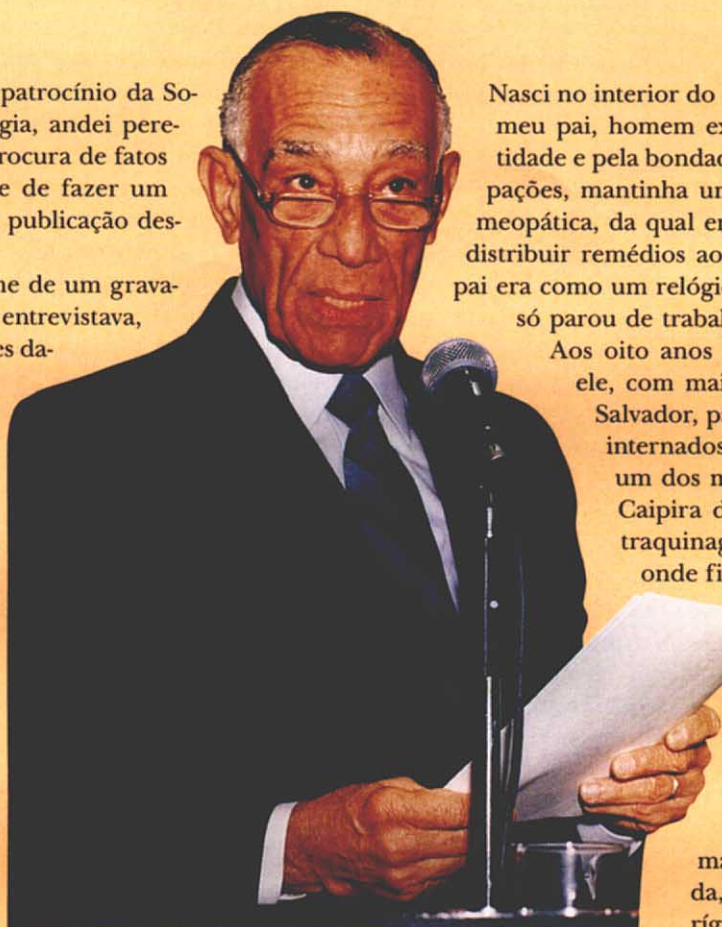
O professor Itazil Benício dos Santos, de Salvador, certamente não poderia ficar de fora desses relatos, face à sua excepcional bagagem científica na área radiológica.

Hoje, quando ele já nos deixou, sinto-me muito orgulhoso da estreita amizade que mantivemos e da felicidade de ser, talvez, o único possuidor de uma fita gravada com ele que, desde já, fica doada ao futuro Museu de Radiologia, junto com as de outras personalidades, também entrevistadas.

Na entrevista abaixo, ditada por ele, foram necessárias algumas adaptações, para melhor disposição da matéria escrita, sem contudo tirar o sentido do que queria expressar. Os erros, porventura existentes no seu texto, são da lavra deste articulista.

VEJAMOS O QUE NOS RELATOU:

Sidney, agradeço muito esta imensa honra que você está me dando em vir até a Bahia, em meu consultório, para ouvir relatos de uma vida que nada tem para contar. Eu é quem deveria sair daqui e ir até Americana para lhe entrevistar, pelo tanto que já fez pela radiologia nacional.



Nasci no interior do Estado, em Itabuna, onde meu pai, homem extraordinário pela honestidade e pela bondade, pois, além de suas ocupações, mantinha uma pequena farmácia homeopática, da qual era fervoroso adepto, para distribuir remédios aos pobres da cidade. Meu pai era como um relógio, a quem se deu corda e só parou de trabalhar depois de morto.

Aos oito anos de idade fui trazido por ele, com mais dois irmãos, aqui para Salvador, para completar os estudos, internados no Colégio Americano, um dos melhores da capital.

Caipira do interior, onde só fazia traquinagens, ao chegar ao hotel onde ficamos hospedados, quando

entrei no elevador pensei que tinha sido preso. Nunca havia ouvido falar "naquilo".

Os primeiros anos no colégio interno foram de intenso sofrimento e marcaram muito a minha vida, pois, além da disciplina rígida, a que não estava acos-

tumado, sentia muita saudade de meus pais, principalmente de minha mãe e, em minhas lembranças, sempre a recordava sentada em sua máquina de costura, daquelas antigas, fazendo nossos enxovais para o internato.

Terminados os estudos básicos, chegou a hora de decidir qual profissão escolher. Já nessa época eu me dedicava intensamente à leitura de livros e gostava muito de escrever. Cheguei, em determinados momentos, a pensar em me dedicar à literatura, escrevendo livros de romances, crônicas, contos e poesias.

Mas, os jovens daquela época eram muito bitolados, sempre orientados pelas famílias, e dariam um grande desgosto a elas se não cursassem uma faculdade para obter o título de doutor. Escolher a profissão de escritor

seria alvo do desprezo da sociedade e arriscar ouvir de seus pais: "Meu filho não deu para nada, nem chegou a se formar!"

Como não tinha dinheiro, muito menos segurança e coragem, não podia enfrentar meu pai, homem severo, para dizer que queria ser escritor, mesmo porque, a amizade e a admiração que nutria por ele não me permitiriam tomar tal atitude.

Os únicos que tiveram a coragem de enfrentar tal situação, algum tempo antes de mim, foram Jorge Amado e Adonias Filho, que, posteriormente, se tornaram afamados e vitoriosos escritores.

Na época só existiam três profissões dignas, aos olhos da sociedade e de nossas famílias, para serem cursadas: direito, engenharia e medicina.

Como você já sabe, eu sou uma pessoa muito vaidosa. Confesso que até hoje. Já o era naquela difícil hora de decisão. Decidi-me, então, pela medicina, por pura vaidade. Simplesmente porque a Faculdade de Medicina de Salvador era a grande escola médica. Foi a primeira a ser fundada no País e para ela acorriam rapazes de todo o Nordeste. A Bahia irradiava um prestígio imenso, onde sobressaía o nome da Faculdade de Medicina.

Meus dois irmãos se decidiram por direito e eu pela medicina, para alegria de meu pai, embora não tivesse a mínima vocação, principalmente para lidar com sangue, como na cirurgia, que, com a clínica médica, eram as especialidades preferidas, quase que as únicas.

Meu pai gostaria que eu fosse médico homeopata, para dar continuidade ao seu trabalho na pequena farmácia que possuía, o que se constituiu para mim num grande drama, porque não acreditava naquela mezinha.

No sexto ano tinha que decidir qual caminho trilhar. Por acaso encontrei um colega, muito rico, cujo nome me falha no momento, e que mais tarde seria eleito senador, que me relatou estar fazendo radiologia, especialidade que ainda se encontrava em seus primórdios. Não havia nada organizado em matéria de aprendizagem nesse setor.

Comecei a trabalhar como clínico e, certa vez, cheguei-me às mãos uma radiografia cujas imagens me fascinaram, e a idéia de ser radiologista começou a me seduzir.

Procurei o colega para indagar onde poderia fazer o tal curso que ele havia feito. Informou-me que foi no Rio de Janeiro, com o professor Nicola Casal Caminha, excelente profissional e excepcional como pessoa. Indagado se me atenderia, a resposta foi positiva, esclarecendo que ele trabalhava sozinho, num "consultóriozinho".

Nesse momento optei pela radiologia, terminando com o meu drama de ficar entre a halopatia que praticava e a homeopatia dos sonhos de meu pai.

Fui para o Rio e procurei o Caminha, que me acolheu com os braços abertos e o mesmo carinho com que

sempre atendeu a todos que procuraram por seus ensinamentos.

Quando terminei o curso, em Salvador não havia oportunidades nem local de trabalho, principalmente para médicos, como eu, que não pertenciam às famílias tradicionais ou de prestígio social. As dificuldades para o começo foram grandes e eu tinha que fazer, também, um pouco de clínica. Neste período, nunca deixei de escrever.

Mas, meu grande ideal na radiologia era ser professor. Participei de algumas campanhas com outros colegas, trabalhando junto a ministros, tentando criar a Cadeira de Radiologia na Faculdade.

Pelo nosso trabalho e por certas circunstâncias que não sei bem explicar, a Faculdade de Medicina da Bahia foi a primeira no Brasil a criar a Cadeira de Radiologia.

Tornei-me um candidato natural a ela. Preparei minha tese, entrei no concurso de títulos e passei, sendo aprovado com nota dez em todas as matérias, tornando-me, assim, o primeiro professor titular da Cadeira. Foi uma das maiores satisfações e realizações de minha vida.

Como professor, levei o curso muito a sério, porque sempre gostei de ensinar. Entrosava-me muito bem com meus alunos, pois fazia tudo com muita seriedade, simplicidade e naturalidade. Fora da universidade todos se tornaram meus amigos e, em qualquer lugar que encontrasse algum deles trabalhando, sou tratado com muito agrado e carinho, pois sempre cumpri meu dever como professor e nunca faltei às aulas, a não ser quando viajava para jornadas e congressos da especialidade. Jamais saí de férias para passeios ou estações de águas.

Pelos meus escritos, meus livros e pela titularidade da Cátedra, fui eleito membro da Academia de Letras da Bahia, cargo muitíssimo disputado para um total de apenas quarenta acadêmicos. Certamente não foi a minha maior conquista, mas foi a minha maior vitória, visto que para a eleição a esse cargo eu não possuía prestígio social algum, muito menos político, nem padrinho poderoso. Por isso, considero que a minha entrada na Academia se deveu, unicamente, ao meu valor pessoal.

Anos mais tarde, fui também eleito membro da Academia de Medicina da Bahia, igualmente conceituada e de difícil acesso.

Enquanto exercia a radiologia, com muito agrado e muita responsabilidade, escrevia artigos e trabalhos, principalmente científicos e biográficos.

Fui presidente, com muita honra, do Colégio Brasileiro de Radiologia, quando realizei, em Salvador, um dos maiores congressos da especialidade, muito bem organizado e estruturado. Recordo-me da recepção que o governador Roberto Santos, meu colega de turma, nos ofereceu no Palácio do Governo. Foi uma semana de festa, mesclada com uma semana de grande atividade intelectual.

Com o lucro desse congresso e a colaboração do professor Feres Secaf, tive a oportunidade de adquirir a primeira sede própria do Colégio, sem precisar de ajuda de qualquer empresa comercial. Atualmente, essa sede, com o trabalho dos presidentes que me sucederam, inclusive você, posso afirmar que é a melhor sede de qualquer especialidade médica brasileira. É um modelo de sede!

A primeira vez que nela entrei, depois da reforma que você fez, ao sair do elevador, tive a satisfação de ver o meu nome gravado, numa placa de bronze, como o pioneiro na aquisição daquela sede. Nunca imaginei que um dia veria meu nome gravado como o fundador do primeiro núcleo da sede do CBR.

Um título que jamais imaginei possuir e que nenhum outro professor de radiologia poderá ter é o de participação nas bancas examinadoras de todos os professores titulares de radiologia das universidades brasileiras. Foram treze concursos fora da minha universidade, todos nas áreas do Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul. Foi uma grande honra para mim, pois essas tarefas universitárias sempre foram de meu agrado e eu atribuo essas participações ao fato de levar sempre a sério as minhas obrigações.

Uma das minhas maiores alegrias na participação nessas bancas examinadoras deve-se ao fato de ter examinado aquele que me ensinou radiologia: o professor Nicola Casal Caminha.

Caminha, inteligente, brilhante, apresentou uma tese com alguns defeitos não-médicos, mas de impressão.

Durante o transcurso de seu exame, fiz questão de declarar, perante todas as grandes personalidades que lotavam o anfiteatro da Santa Casa, que o professor Caminha sempre foi um mestre. Ele está acima de todos nós. Ele é nosso mestre e está apenas dando cumprimento ao Regulamento, pois é professor *honoris causa*. Foi professor de todos os radiologistas do Brasil e meu também.

Tive a oportunidade de freqüentar todos os congressos internacionais, nacionais e jornadas da especialidade, apresentando trabalhos em Paris, Itália e Havaí.

Deixei a Faculdade ao me jubilar. Sei que ela está atravessando uma fase muito difícil, nem tomografia tem, quando em Salvador já existem muitas.

Finalmente, tenho a satisfação de ver meu filho Marcelo na Faculdade, trilhando o mesmo caminho, com muitos trabalhos publicados, inclusive um livro, que prefaciei.

Não desejo mais nada na radiologia. Conquistei, com muito trabalho e esforço, tudo que almejei!

Nota do autor: É, como disse o Professor Itazil no começo da entrevista, sua vida não tinha NADA para contar.

Nota do editor: O falecimento do professor Itazil, querido amigo e ilustre radiologista, primeiro professor titular de radiologia do Brasil, representa, de fato, lamentável perda para a radiologia brasileira, que ele engrandeceu com sua brilhante atuação. Para nosso consolo, deixa um sucessor à sua altura, o professor Marcelo Benício dos Santos, seu filho e continuador da sua obra.